

# Subjetividade e alteridade do amor

Regina Andrade\*

## RESUMO

Percorre-se neste trabalho um caminho no qual se discutem as novas representações imaginárias sobre o amor e o relacionamento amoroso, considerando esta época de finalizações.

A questão que atravessa o sujeito e a sua subjetividade encontra na alteridade as influências de possíveis modificações para sua sobrevivência. Palavras-chave: amor confluyente; mulher de ficção; alteridade.

## SUMMARY

In this work we go through a path where is discussed the new imaginary representations on love and love relationship, taking into consideration this time of finalizations.

The question crossing the subject and its subjectivity finds in otherness the influences for possible modifications intended to its survival. Keywords: confluent love; fiction woman; otherness.

## RESUMEN

Este trabajo hace un recorrido en el cual se discuten las nuevas representaciones imaginarias sobre el amor y la relación amorosa, considerando esta época de finalizaciones.

La cuestión que atraviesa al sujeto y a su subjetividad encuentra en la alteridad las influencias de posibles modificaciones para su supervivencia.

Palabras-clave: amor confluyente; mujer de ficción; alteridad.

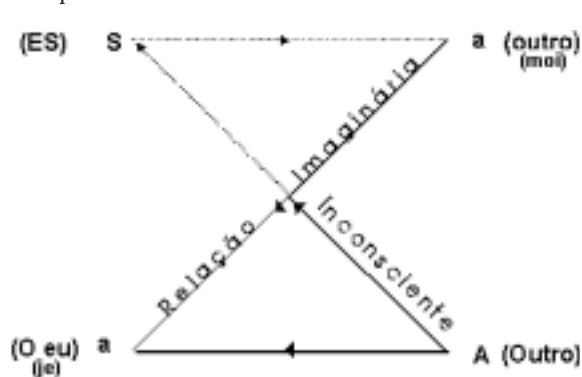
**F**alar de amor, pensar em amor ou refletir sobre o amor. Isto não é uma tarefa fácil. Primeiro, porque o amor está no vértice das ciências humanas e sociais e talvez até das biológicas; segundo, porque toca-se de imediato na problemática do sujeito.

Sendo os estudos da psicanálise privilegiados para este panorama imaginário, iniciaremos pela questão do *objeto* e do *sujeito*. Qualquer conceito da psicanálise leva em consideração a *relação objetual*, na qual podemos tratar o objeto em suas relações imaginárias, simbólicas e reais.

O *momento fundante* do sujeito, por onde passam as *identificações* como também onde ocorrem as relações do Sujeito ao Outro, é o *estádio do espelho* (conceito fundamental da teoria lacaniana) e conseqüentemente base das “relações objetuais imaginárias”. Vale assinalar a introdução da *ordem simbólica* para o sujeito como uma passagem radical ocorrida pela linguagem que provoca “uma hiância específica em sua relação imaginária com seu semelhante”. Esta relação em sua forma completa se reproduz cada vez que o Sujeito se dirige ao Outro como absoluto; ou pode anulá-lo, ou pode agir com ele, fazendo-se objeto<sup>1</sup> para enganá-lo.

Para explicar a perfeita relação Sujeito/Outro, Lacan propôs no *Seminário da Carta Roubada* (1956) o Esquema L<sub>1</sub>, defendendo a *dialética da intersubjetividade*.

## Esquema L<sub>1</sub>



(Lacan, 1978, p.60)

Esta interrelação entre o Outro e o eu (situada na parte da base do esquema), coloca em evidência pares interdependentes tais como a relação especular dual que não pode ser reduzida apenas a uma *relação imaginária*. Isto porque ela provém da relação do sujeito com o (outro) que lhe constitui enquanto *ego (moi)* (que é sua subjetividade) e em forma de projeção enquanto *eu (je)*.

O que faz com que o sujeito instale-se como significante é a intermediação de um “quarto termo” representado como Outro exposto e relacionado com o mundo fora dele. Logo, a dialética da intersubjetividade é produto da relação dual entre o sujeito e o outro, simétrica e recíproca, constitutiva do sujeito, produto das identificações.

Estas transformações decorrentes do desdobramento das relações com Outro enquanto “mundo simbólico” proporcionam a restituição da relação imaginária na estrutura do sujeito e se desenvolvem independente do controle social ou cultural. Aí se insere a linguagem permanentemente ambígua e canal de comunicação de ida e vinda do desejo que circula em seu caráter inatingível.

Alguns outros conceitos são necessários para descrever com mais rigor o que é próprio do social. Para qualquer lado que nos voltemos nesta dialética do sujeito encontramos transformações. Assim, é impossível haver a liquidação desse processo dialético da intersubjetividade, como bem observa Baudrillard, em *O crime perfeito*. “A liquidação do Outro é duplicada por uma síntese artificial da alteridade, cirurgia estética radical, de que a do rosto e do corpo são apenas sintomas. Porque o crime só é perfeito quando as próprias marcas da destruição do Outro desaparecerem.” (1996, p.151)

Estas são as bases das transformações nos relacionamentos e na alteridade.

### Transformações e alteridade

Alteridade é muito mais do que relacionamento porque envolve transformações de um para o outro sujeito. De todas as estruturas do imaginário, a alteridade é talvez a mais corrente. Há vários modelos de alteridade nos conceitos psicanalíticos: o *estádio do espelho*, tal como Lacan concebeu, é uma forma de alteridade; a *relação transferencial*; e a *relação amorosa*, considerada aqui como o exemplo mais completo desta transformação.

Uma síntese da alteridade seria bastante satisfatória se fosse possível ser realizada. Como escreveu Monique Augras: “em primeiro lugar, é necessário situar a alteridade em sua dimensão existencial” (1995, p.11). Aqui está a idéia de que o sujeito vê em si próprio um mais além do Outro e um mais aquém de si, uma imagem e, como toda imagem, fruto do real e da ficção. Uma síntese é difícil de ser pensada. Forçando, poderíamos considerar um narcisismo de duas vias, e sensação decorrente dos processos de projeção e introjeção que complicam ou favorecem a problemática humana, mas restaria a consideração das oposições tradicionais, masculino e feminino, bem e mal, vida e morte, pares antitéticos radicais

Os limites entre as transformações e a alteridade são quase impossíveis de serem encontrados, não porque não existam, mas porque a partir da primeira idéia da gestação de um bebê e as conseqüentes relações na barriga da mãe já vêm seladas com a originalidade de sua pessoa e com a marca de sua subjetividade. Mais tarde estes limites se multiplicarão em outros e provocarão as crenças necessárias para a manutenção da integridade frente ao desamparo sempre presente no sujeito.

A precariedade da ordem inconsciente também é um limite e leva a situações nas quais o recalque só pode ser definido como um mecanismo na definição da neurose ou da psicose. Mas, como não se trata do caos psíquico, o que define a alteridade não é a oposição entre os termos (masculino e feminino; bem e mal), como lembra Baudrillard, e sim outras condições: “A alteridade é do domínio das coisas incomparáveis. Ela não é permutável segundo uma equivalência geral, não é negociável, e contudo circula no modo da cumplicidade e da relação dual, seja na sedução ou na guerra.” (1996, p.159)

A vida e a morte está em cada entrelinha do sujeito.

Seguindo o filósofo Lévinas, em *Totalidade e Infinito*, consideramos que “o eu é felicidade, é presença em si”, isto porque ele defende a idéia de que a relação do eu consigo promove a felicidade (1980, p.127). A partir da aceitação ou da recusa do que o sujeito vivencia está também o consentimento ou o afastamento da felicidade.

Palavra complexa esta: felicidade, para não dizer impossível, como tantas outras; análise, real, amor, morte, relação sexual, mulher.

Mas, será a felicidade produto da fruição do eu, onde o eu apenas se cristaliza (Idem, p.128), liberdade da subjetividade completa, santuário dos espaços virtuais e do encontro feliz consigo próprio?

### A alteridade do amor para a psicanálise

O primeiro modelo de amor para Freud está relacionado à noção de objeto decorrente das parcialidades das pulsões. Desde 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud propõe uma junção das pulsões parciais, consideradas autoeróticas ao protótipo de relação da criança com o seio da mãe. Esta relação de objeto, acrescentada em nota de rodapé ao texto, em 1915, é especificada como *anacítica*<sup>3</sup> e trabalhada como tendo função de fundação da personalidade. Em conformidade ao tipo anacítico, o sujeito pode amar “a mulher que o alimenta no caso do homem”, ou “o homem que a protege, no caso da mulher”, ou inverter tudo.

Esta noção da parcialidade da pulsão é associada ao desejo sexual neste modelo de amor e será condição de associação entre amor e sexualidade que faz com que se produza o equívoco da teoria psicanalítica como estudos de sexualidade.

Ligações e protótipos infantis vão aos poucos evoluindo e se desenvolvendo para um segundo modelo narcíseo, que provém da relação do próprio ego para o encontro de uma nova pessoa.

O segundo modelo de amor já encontra o *eu* na fase do narcisismo, fase intermediária do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetual, onde o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor. Com relação às mulheres, Freud foi radical: esse auto-amor deve-se à necessidade de as mulheres serem amadas, uma vez que o “amor objetual completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino”, diz Freud. (1914, p.105)

Novas possibilidades de escolha de objeto surgem através das considerações sobre o narcisismo e o amor; “ama-se o que é, o que se foi um dia, o que gostaria de ser, ou alguém que foi uma vez parte de si”. Mas, ama-se mesmo como disse Barthes, “o corpo dividido, de um lado, seu corpo molengo, morno, na maciez exata, fofinho, se fazendo de desajeitado, e, de outro, sua voz - a voz sempre a voz -, sonora, bem formada, mundana, etc...” (1983, p. 62)

A terceira concepção do amor para a psicanálise envolve a *transferência* como conceito técnico e é abordada em suas dimensões humanas. Relação entre o *eu* e o *tu*, modelo da relação inter-humana com o outro, grande exemplo de alteridade do sujeito. Um amor ficção, ou fixação como joga com as palavras, Lacan. Como diz Lévinas, a “alteridade é feminina”, inclui todas as possibilidades da relação transcendente com o outro (1980, p. 138). Como feminina também é a posição do analista e como feminina também muito freqüentemente é a mulher.

Questiono esta terceira concepção de amor porque acho que estamos diante de uma verdadeira camisa de força, para a mulher, onde converge para a mãe toda a satisfação do homem. Na verdade, a interdição do incesto vivenciada como uma frustração da realidade só pode ser elaborada combinando a corrente afetiva e sensual ao amor. Ainda mais o Édipo só pode ser tratado em análise, cenário da transferência e palco das paixões. Além do que é necessário tratar o Édipo, pois, caso contrário, o efeito será o de “impotência psíquica”.

Começa aí a se esboçar, tanto no registro do desejo sexual quanto no amor, uma insatisfação, pois existe ainda uma tensão entre o “amor direção mundo” e a “pulsão, cuja direção é auto-erótica”. O eu-ideal, alvo do amor a si mesmo, é também o ideal da perfeição e é vivido como idealização do objeto na questão do paixão. Mas há ainda um impasse na questão da sexualidade, o qual Freud vai resolver em *Além do princípio do prazer* (1920), onde há a ordenação da pulsão sexual reconstruída “no modelo do amor e unida à noção de pulsão de vida - Eros”. Freud desprende-se da noção de objeto e remete à pulsão sexual como carga narcísea do ego, ambos concentrados na “pulsão da vida (Eros) em oposição aos instintos do ego ou pulsão de morte (Tanatus)”.

Mas há uma alternativa pouco explicada que não é propriamente um modelo, mas que completa a questão do amor para a psicanálise. Neste sentido é que no texto *Um tipo especial de escolha de objetos feita pelo homem* (1910) Freud analisa

várias pré-condições para que o amor se estabeleça e referencia todas elas à figura da mulher. Parece que sem a mulher o amor não acontece.

As quatro condições essenciais são: uma terceira excluída ou prejudicada em consequência da relação do par; a mulher casta e fiel; a integridade sexual da mulher; e a tendência a salvar a alma da mulher.

Estamos considerando as origens psíquicas do amor neurótico, que são derivadas da fixação infantil de sentimentos ternos para a mãe, e o amor representante das consequências dessa fixação. Mas, por outro lado, aprisiona o homem e o deixa sem opções. Quanto à mulher, nem a posição de mãe evita sua passividade porque suas respostas são condicionadas a estes investimentos.

Vamos às questões do psicanalista Jacques Lacan: mas de que amor se fala em psicanálise, se só dele se fala em análise? E que fala impossível é esta da qual não nos damos conta? Por onde passa essa compulsão em pensar o amor se estamos diante de puro afeto e se “o amor há muito tempo, só se fala disso” e nada se resolve? (1982, p.55)

E a vivência do drama amoroso, onde o “sujeito apaixonado não pode ele mesmo escrever seu romance de amor”, como assinala Barthes em *Fragments do Discurso Amoroso*. (1981, p.81), em casos como Abelardo e Heloisa e para ser atual Lady Diana e Dodi Al Fayed, ou Bill Clinton e Hilary? Serão as ilusões, do amor, o imaginário, as ficções, constitutivas das relações amorosas e que vão atuar como apaziguadoras dessas insatisfações?

Lacan propõe um interligamento entre o signo e o amor e desfaz alguns impasses e cria outros. São condições que se voltam para desmistificar o mito do amor, onde o sujeito encontra no outro o complemento sexual. Esse lado vivo do sujeito onde se manifesta a pulsão, que só é representada no inconsciente em sua parcialidade, é signo de que a “sexualidade se representa no psiquismo, por uma relação do sujeito que se deduz de outra coisa que não da sexualidade mesma”. (1979, p.194) Por isto, a frase tão chocante “a relação sexual não existe” tem eco.

Também é no campo do Outro (mundo) onde tem cena do Édipo e do amor sendo o “desejo assim, preso”, originalmente, numa “alienação ao Outro imaginário”. Se o desejo está do lado do sujeito é ao preço do despedaçamento narcíseo que reenvia sua imagem ideal ao outro provocando uma ambigüidade permanente que é mantida porque o *eu ideal*, alvo do amor a si mesmo, é o “ideal de perfeição” vivido como “idealização do objeto”. E é por isso que a plenitude narcísea, por um lado, apreende o desejo do sujeito e, por outro, aliena-o. Esse encontro é para sempre perdido pelo próprio sujeito, apenas pelo fato de que ele é sexuado e mortal.

Estes modelos propostos pela psicanálise provocam várias ambigüidades. (1) Uma delas se faz presente e se prende ao simbólico pelo fato de que o signo representa algo para alguém e é um efeito do significante, onde os nós se concentram porque

as palavras têm interpretações diferente. (2) Mas se o significante é o que representa um sujeito para um outro significante, o seu efeito pode ser o de que “o amor, certamente, faz signo, e ele é sempre recíproco e suscetível de provocar desejo”. (3) Parece que acabamos de escrever que sem palavras não há amor apesar de provocar os *nós* que se produzem justamente quando se fala de amor. (4) Mas ainda é o amor, a maior forma de transformação que o sujeito atravessa enquanto está vivo. “Amor do tipo vivido como significante, amor sentido como vitalidade e desenvolvido pelo ser, amor significado como princípio vital.”

### O amor e a nova agenda para o cotidiano

Bem atual é a concepção de Anthony Giddens do chamado *amor confluyente*, e suas diferenças do *amor romântico*. Enquanto o amor romântico provem da identificação do amor-paixão, o amor confluyente é ativo, contingente e choca-se com as idéias de para sempre, único e exclusivo, porque é baseado na concepção separação-divórcio.

“O amor confluyente presume igualdade na dádiva e contradádiva emocional e quanto mais assim for tanto mais uma ligação amorosa se aproxima da relação pura”, diz Giddens. (1996, p. 42) Analisando os trabalhos terapêuticos e os manuais de auto-ajuda o autor encontra, a partir da crítica aos mesmos, não uma forma de mudança que afeta a vida pessoal, mas, expressões de processos de refletividade que ajudam a modelar comportamentos amorosos e sexuais atuais.

Deste material recolhe o modelo do amor confluyente, que parte da intimidade necessária e da necessidade da privacidade, que significam a revelação de emoções e de ações para estimular a confiança do outro para obter seu retorno. É diferente do amor aberto, da amizade colorida, que campeou durante a década de sessenta no tempo dos *hippies*. Os amantes podem ser íntimos confidenciando seus sentimentos e experiências sem reservas como se ocupasse o lugar dos amigos. Esta base do amor confluyente é o que se denomina de relação pura que pressupõe um compromisso, e revela a verdade (tempos da AIDS), espécie particular de confiança que pode criar um ambiente social que facilita “o projeto reflexivo do *self*, limites, espaço pessoal e o resto, como dizem os manuais terapêuticos, são mais necessários para os indivíduos prosperarem numa relação do que para deslizarem para a co-dependência”. (Giddens, 1996, p.97)

Vários teóricos assinalam que estamos vivendo uma época de finalizações. Anthony Giddens vai mais além e chama atenção para uma nova agenda diante do final do século e do milênio, como diz, “algo que não tem conteúdo, e que é totalmente arbitrário – uma data em um calendário – com tal poder de retificação que nos mantém escravizados” (p.73). Essa nova agenda aborda as ciências sociais em dois aspectos fundamentais. O primeiro deles corresponde aos processos de mudanças, que em sua opinião se referem ao abandono e à problematização da tradição; e o segundo aspecto se refere

ao uso da técnica e da tecnologia, que provocam novas experiências no cotidiano.

Vamos abordar agora algumas dessas novas experiências no cotidiano que precipitam mudanças que a sociedade ainda não pode absorver. Talvez a primeira delas esteja relacionada com o espaço e as novas formas das cidades, assim como a maneira de vivermos dentro delas. Para Platão, a cidade é um lugar onde os homens levam vida em comum, visando a um objetivo nobre. Dante Alighieri quando indagado sobre seu conhecimento do inferno, respondeu: “na cidade em torno de mim.”

As cidades, espaços habitacionais, foram criadas para atender às necessidades humanas e para que os homens vivam juntos, numa organização comunitária, diminuindo assim seu desamparo. Hoje três categorias estão presentes no conceito do habitante da cidade: estrangeiros, minorias e marginais. Quando observamos uma cidade com atenção compreendemos que razões lógicas contribuíram para sua localização. Por exemplo, se o que se tinha por objetivo seria a segurança da comunidade, escolhia-se para a fundação da cidade um local de difícil acesso e fácil defesa, geralmente o topo das colinas como são as cidades etruscas, ou uma região cercada de charcos e água. Vejamos algumas destas razões. Paris originou-se num grupo de ilhas situadas no Rio Sena, enquanto Londres foi fundada no meio de pântanos e Constantinopla na Turquia foi localizada no alto, com o objetivo de defesa de toda uma região. Outras cidades se desenvolveram ao longo de rotas comerciais como por exemplo, Nova York.

Mas nenhum destes motivos são verdadeiros atualmente. Uma cidade imaginária e virtual pode ser construída a partir de objetivos que se evaporam amanhã. Todos lembram de *Matrix*, escrito e dirigido por The Wachowsky Brothers, o filme das apologias à máquina. Nesta ficção, a cidade é o interior do corpo e o único momento humano da máquina é quando de amor se fala. O personagem principal seria o eleito para perpetuar a espécie, estava prestes a morrer e sua parceira diz não à morte em troca do amor. Como poderia ele morrer se estava destinado ao amor? Não são as áreas verdes para parques e jardins o que mais encanta numa cidade e sim os templos de consumo onde são criados grandes parques de segurança para diversões e prazeres atuais. Dentre estes templos estão os shoppings, os cinemas, os locais de jogos eletrônicos e outros. O mais importante nas cidades atuais não são as casas.

Apesar das residências serem os elementos básicos da cidade e servirem para abrigar o homem das intempéries, esconder dos inimigos e dos inoportunos, hoje, estão além deste princípio e são performáticas, verdadeiros parques de diversões, porque nelas há o conforto da tecnologia e a técnica manipulada dos espaços que diminuem gradativamente. Os serviços de pronta-entrega que facilitam as compras ou outros serviços também fazem com que o sujeito permaneça o maior tempo possível dentro de casa. Os utensílios domésticos estão cada vez mais acessíveis ao consumo porque as facilidades são grandes e a oportunidade de adquiri-los é tentadora. É época dos botões:

apertam-se controles remotos, pressionam-se disparadores e temos a tecnologia ao nosso alcance, de maneira que a sedução de permanecer em casa é grande. Hoje vivemos encarcerados, prisioneiros de nossa própria condição social ou cultural, cercado de proteções dos animais-homens que se transformam mais em primitivas bestas do que em seres racionais.

Nada mais expressivo na nova agenda da subjetividade do que o termo *cyberspace* inventado pelo escritor *cyberpunk* de ficção científica William Gibson em *Neuromancer*. Segundo ele, o ciberespaço seria um espaço não físico, virtual, composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações circulam. Howard Rheingold descreve o ciberespaço como um “espaço conceitual, onde palavras, relações humanas, dados, prosperidade e poder são manifestados pelas pessoas usando a tecnologia da CMC (Comunicação Mediada pelo Computador)”.

Segundo André Lemos (1999), o ciberespaço pode ainda ser entendido sob duas perspectivas: “como o lugar onde estamos quando entramos em um ambiente virtual, ou seja, num ambiente como as salas de chat, por exemplo, ou ainda, como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta”. O ciberespaço é um lugar onde não há dimensão física. Corpos e sentidos humanos não podem agir, não há dimensão sensorial. É um não-lugar, como afirma Lemos, “repleto de interconexões, baseado em informações, em rapidez e simultaneidade, um espaço que é, em sua própria definição, pululante e caótico”. Apesar disso, no ciberespaço todos são partes atuantes no intercâmbio de informações, interagindo constantemente.

Para Pierre Lévy (1999), pesquisador das novas tecnologias, o ciberespaço formaria um quarto espaço, além dos já existentes, que seriam: a terra, o território e o mercado. Lévy mostra como as novas tecnologias do ciberespaço podem verdadeiramente ajudar a criar uma circulação do saber, circulação essa que forma o que ele chama de inteligência coletiva, um espaço de saber, decorrente do impacto dos meios de comunicação sobre a sociedade.

### Ficções e Mulher

Vamos trabalhar o conceito de ficção no sentido de *factum*, que de modo geral significa o que é fingido pelo espírito. Por um lado, ficção significa uma construção lógica ou artística que não corresponde à realidade, ao que lhe é semelhante, e sim a um constructo. Mas também pode ser uma hipótese útil para representar a lei ou o mecanismo de um fenômeno, que nós utilizamos para descrever a realidade objetiva, sobretudo diante de situações limites. Aí está engajada a legitimidade de algo e a crença de algo construído. Mas podemos também - em concordância com esta visão filosófica do termo - considerar como Paul-Laurent Assoun (1996), para o qual há vários níveis de ficção na obra freudiana, tais como o edifício do aparelho psíquico (*Bau*), ou o capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (*Traumdeutung*), ou mesmo o

conceito fundamental da pulsão (*Trieb*), até a técnica da interpretação ou da construção em análise.

Só para dar um exemplo, em *Construções em Análise* (1937) Freud propõe um procedimento para além da interpretação necessária ao processo analítico. É certamente o detalhe da maneira de conceber literalmente tal procedimento que impressiona: “adivinhar o que foi esquecido a partir dos indícios deixados ou expresso, de modo mais exato de construir o fato”. Este furor ficcionista é interceptado e prevenido na medida em que esse trabalho deverá estar subordinado, como ele próprio aconselha, “à lógica e a seu objeto (...), que é o sujeito, o analisando, o único a legitimar as ficções interpretativas do interprete”. (Assoun, 1997, p. 70). Mas isto não intercepta outras ficções, inclusive a do fantasiar (*Phantasieren*).

Se o bloco mágico foi utilizado como uma comparação com o aparelho psíquico, o feminino está bem próximo de ser pensado como a grande ficção da psicanálise. Partindo da mulher, todo o método foi desenvolvido, da mulher a bem da verdade histórica, doente, frágil, dependente, aquela feita para amar.... A psicanálise se sustenta numa complexa teoria sobre o feminino. Refletindo sobre a proposta de Lipovetsky (1997) que há várias concepções sobre a mulher durante a história da civilização, acrescentamos mais uma, a mulher da época cibernética, e optamos por discorrer sobre essa mulher imaginária, ou de ficção.

Vamos às concepções de Lipovetsky.

A primeira delas refere-se à depreciação através da interdição do papel da mulher na sociedade, tempo em que “os homens se exprimiam a respeito das mulheres quase sempre para estigmatizar seus vícios (...) como ser enganador, licencioso, inconstante, ignorante, invejoso e perigoso”. (1997, p.234)

A segunda percepção de mulher evidencia outro modelo, é a mulher exaltada e idolatrada que apareceu a partir da Idade Média e é aquela da apologia do culto da Dama amada e de suas perfeições. São os séculos (entre XV a XVIII) do romance de cavalaria, onde os cavaleiros exaltavam suas virtudes e méritos: “se difunde, a partir do século XVIII, a idéia de que a potência do sexo frágil é imensa, que apesar das aparências ele detém o verdadeiro poder”. (Idem, p.236)

A terceira concepção de mulher é a indeterminada. Este modelo considerado como novo se caracteriza por sua autonomia em relação ao papel tradicional desempenhado pelos homens e também por uma autonomia real e imaginária da mulher caracterizada por: “desvitalização do ideal da mulher do lar, legitimidade dos estudos e dos trabalhos femininos, direito ao voto, ‘divórcios’, liberdade sexual, controle da natalidade, enquanto manifestação do acesso das mulheres a inteira disposição delas mesmas em todas as esferas da existência, como dispositivos que constroem a ‘terceira mulher’”. (Idem, p.237)

É muito interessante a observação do autor sobre a invasão desta concepção de mulher porque evidencia uma ruptura histórica, uma espécie de mutação que transforma o

passado em tabua rasa. Muito além das diferenças sexuais é a potência da autodeterminação em contrapartida a uma indeterminação subjetiva que ganha, “apesar da variável sexo continuar como evidência da orientação das existências, de fabricar diferenças de sensibilidades, de itinerários e de aspirações”. (p. 239)

Retomando a questão já levantada no início deste texto, advogo a existência de um quarto poder, baseado no modelo ficcional, e que não traz em si ambigüidades porque é fruto da virtualidade, do momento da modernidade tardia (Giddens, 1997) ou da pós-modernidade. A partir deste ponto, aprofundo esta idéia, reforçada pelas concepções freudianas e lacanianas, para desembocar em puras ficções sobre o feminino. Nenhuma outra influência é valorizada pela psicanálise a não ser o mundo interno do sujeito, sempre considerado como pré-determinado.

Contrariamente a Lipovetsky, Lucian Boia argumenta sobre o conceito da mulher imaginária e pensa que “a reação emancipatória do século XX acrescentou novas vitórias sem modificar o equívoco da mitologia feminina” e mais ainda que “a mulher imaginária foi e continua em natureza incomparavelmente mais rica, mais complexa e mais misteriosa do que o homem”. (Boia, 1998, p.130)

Enfim, antecipando algumas conclusões para esta breve abordagem, este modelo ficcional propõe uma intimidade discreta, na qual os relacionamentos se passam através de um processo imaginativo, cujas fantasias coordenam as relações explícitas porque estão cercadas do anonimato, do segredo e da privacidade. Nesta relação amorosa só é valorizada a atividade imaginativa, por isso o amor-ficção não necessita de reciprocidade porque está distante do simbólico que agora é deslocado para o social. Não necessita também do corpo porque ele é fictício e virtual, pode ser mentiroso, pode oferecer a imagem que quiser. O que vai contar é a comunicação externa, em que a família foi perdida nestes tempos de modernidade avançada e substituída por uma outra intimidade, agora lançada no social através dos meios de comunicação, nos quais a mídia e a ficção têm lugar especial.

Mídia, ciberespaço, internet, televisão, computadores, telefones celulares, templos da imagem que buscam uma interação contínua de consumo. Dessa forma, é esperado que todos eles catalisem grande parte dos objetivos de privacidade de erotismo e de ambição, aos quais a família estava destinada, criando um novo estilo de vida. São três elementos que perfazem uma nova agenda para a mulher e para o amor.

A questão do gênero, se é masculino ou feminino, pouco importa para estes elementos cotidianos, ao contrário, é fonte de conflito; as diferenças raciais, sociais, ou de identidade cultural também não influenciam. O que pesa são vivências no meta espaço do cotidiano.

Para concluir, vamos para onde?

Aos poetas? Aos artistas? A quem autorizamos falar de amor, mas como, se de imagens ele é preenchido? Que ninguém se engane sobre amor, morte e seu par oposto, o ódio e sofrimento, porque um está associado ao outro, como almas gêmeas. Nestes tempos de finalizações estamos diante do amor confluyente e de mulheres de ficção em busca da relação pura, ponto máximo da alteridade. Será que Freud continuaria afirmando que só o homem é capaz de amar? E Lacan insistiria em dizer que “amar é dar o que não se tem a quem não é”?

Encerro este trabalho sobre a alteridade e o amor citando Barthes quando lembra do *transbordamento*: “o sujeito coloca, obstinadamente, o voto e a possibilidade de uma satisfação plena do desejo implicado na relação amorosa e de um sucesso sem falhas e eterno dessa relação: imagem paradisíaca do Bem Supremo, a dar e a receber..” (1981, p.192)

## Notas

<sup>1</sup>OBJETO - Diversas vezes, encontramos referência ao “objeto” nos estudos da psicanálise. Este conceito provém de Freud e de sua aceção de objeto como *coisa* - *Das ding*. Aqui será usado como referência simbólica e participa do jogo significativo como marca do núcleo irredutível do fantasma (S barrado pulsão de *a*) e do lugar do Outro.

<sup>2</sup>EGO - (*moi*). Lacan faz uma distinção entre eu-*je* e ego-*moi*. O eu-*je* refere-se à constituição primordial do sujeito e o ego-*moi* à totalidade da subjetividade do sujeito.

<sup>3</sup>ANACLÍTICA - Fala-se também de *apoio* ou *anáclise* para designar o fato de o indivíduo apoiar-se sobre o objeto das pulsões de autoconservação na escolha de um objeto de amor. A este fato Freud denominou de *apoio* ou *anacrítico* a um determinado tipo de escolha de objeto.

## Bibliografia

- ANDRADE, Regina. Castas Estrelas! In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. n.3. Porto Alegre: UFRGS, 1999, v.12, , p.727-740.
- AUGRÁS, Monique. Alteridade e subjetividade. In: *A Psicologia em Contexto*. Rio de Janeiro, PUC, 1995.
- ASSOUN, Paul Laurent. *Metapsicologia Freudiana, uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- BOIA, Lucian. *Pour une histoire de l'imaginaire*. 1988.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Primeira Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1974, especialmente:
- \_\_\_\_\_. *Três ensaios*. [1905]
- \_\_\_\_\_. *Sobre o Narcisismo*. v. XIV. [1914]
- \_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer*. [1920]
- \_\_\_\_\_. *A Interpretação dos Sonhos*. [1900]
- \_\_\_\_\_. *Construções em análise*. [1937]
- GIDDENS, Anthony. *Transformações da Intimidade; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Portugal: Celta, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Portugal: Celta, 1997.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Mais Ainda*. Seminário 20, 1982.
- LIPOVETSKY, Gilles. *La troisième femme. Permanence et révolution du féminin*. Paris: Gallimard, 1997.
- LEMONS, André L.M. *Estruturas Antropológicas do Ciberespaço*. <<http://www.facom.ufba.br/esq/cyber/lemons/estrcy1.html>> (13/08/1998).
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Forense Universitária, 1999.

\* Regina Andrade é Psicanalista, Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ e Professora do Mestrado de Psicologia da UERJ.